



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

25 de agosto de 2015

Notícias do Dia - Especial

“Hora de juntar as cascas”

Hora de juntar as cascas / Berbigão / Florianópolis / Laboratório de Aqüicultura / Centro de Ciências Agrárias / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



Sem berbigão, Neri Martins, um dos pioneiros da atividade extrativista, teve que migrar para a pesca

Hora de juntar as cascas

Berbigão. Após mortandade, extrativistas recolhem cascalhos nos baixios da baía Sul

EDSON ROSA
edson.rosa@ricsc.com.br
@ND_online

Praticamente desaparecido do mar no entorno de Florianópolis, o berbigão virou produto de luxo nas novas peixarias da remodelada ala sul do Mercado Público. O pouco que tem é trazido de São Francisco do Sul, a 180 quilômetros, e revendido entre R\$ 22 e R\$ 25 o quilo descascado. Enquanto isso, catadores da Reserva Extrativista do Pirajubaé que não migraram para outras atividades informais passam o tempo de olho na maré à espera da vazante para dar sequência à retirada dos cascalhos acumulados na área de extração, entre a foz do rio Tavares e o baixio de Tipitingas, na baía Sul.

Um hectare foi dividido em três áreas e demarcado com escoras de eucaliptos sinalizadas pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes da Biodiversidade), órgão gestor da reserva, e Associação Caminho do Berbigão. Em dias de maré baixa, cinco dos dez extrativistas cadastrados remam até o meio da baía e, com espécie de ancinho adaptado, amontoam conchas abertas e cascalhos que se espalham no baixio.

Depois, o rejeito é transportado para a costa e usado como pavimento do pátio dos ranchos dos catadores, na baía sul. O trabalho tem parceria da organização não-governamental Rare, com sede nos Estados Unidos, que financia projetos de valorização de comunidades pesqueiras tradicionais do litoral brasileiro. “É um trabalho de formiguinha, demorado e cansativo. Mas, esperamos que dê certo”, diz o extrativista e engenheiro de aqüicultura Fabrício Gonçalves, 36 anos, presidente da Associação Caminhos do Berbigão, na Costeira do Pirajubaé.

Amostras estão sendo recolhidas e encaminhadas ao laboratório de aqüicultura do Centro de Ciências Agrárias da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Pesquisadores e extrativistas constataram grande quantidade de pequenas ostras nativas entre o cascalho do berbigão, mas as causas da mortandade e do desaparecimento da espécie ainda são desconhecidas. “Pode ser uma combinação de baixa salinidade da baía por causa do excesso de chuva, temperatura elevada da água, desastre ambiental e excesso de extração”, enumera o chefe da reserva, Leôncio Pedrosa Lima, 38, biólogo e analista ambiental do ICMBio.

Pesca é saída contra a fome

Mesmo sem resposta para as causas do desaparecimento do berbigão e o afloramento de larvas de ostras nativas nos baixios da baía Sul, a previsão de especialistas é de regeneração natural das áreas produtivas em um ano, com suspensão da coleta. “Com a manutenção da atividade, este prazo sobe para três anos, segundo estudos do professor Pezzuto [Paulo Pezzuto, da Universidade do Vale do Itajaí]”, diz o biólogo Leôncio Pedrosa Lima.

Uma das alternativas para garantir alguma remuneração aos extrativistas neste período seria o seguro defeso de um salário mínimo, previsto em casos de desastres naturais. O ICMBio, no entanto, encontra dificuldade de encaminhar esta proposta junto ao Codefat (Conselho do Fundo de Amparo ao Trabalhador), em Brasília, por causa do grande número de registros fraudulentos de pescadores em Santa Catarina. “Infelizmente, por causa das fraudes em defesos de diversas espécies no Estado, os extrativistas estão passando fome sem terem a quem recorrer”, lamenta.

Dificuldade que Diego Martins, 38 anos, ainda não experimentou porque migrou para a pesca com o pai Neri Manoel Martins, 60, um dos pioneiros na atividade extrativista na baía Sul. “Felizmente, tem dado um camarãozinho e a corvina também está entrando na baía. Se não tem uma coisa, a gente se vira com outra”, diz o pai.

Saiu no **ND**



Na edição de 5 de março deste ano, o ND mostrou que o excesso de chuva poderia ser a causa da mortandade de berbigões na croa das praias da Mutuca e da Ilha, na pequena enseada da Tapera.

Estado anuncia ações antidrogas / Drogas / Homicídios / Santa Catarina / Drogas, não dá mais para aceitar / Raimundo Colombo / Florianópolis / Programa Educacional de Resistência às drogas / Proerd / Projeto Reviver / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Rosimari Koch Martins / Núcleo de Prevenção à Violência / Secretaria de Educação / Núcleo de Educação e Prevenção / Nepre / Campanhas

ESTÍMULO À REFLEXÃO | COMBATE CONSCIENTIZADOR

Estado anuncia ações antidrogas

GOVERNADOR LANÇA HOJE campanha conjunta de combate às drogas que aposta no impacto gerado pela sensibilização. Objetivo é reduzir o uso de substâncias ilícitas, relacionadas a 70% de todas as ocorrências de homicídios em Santa Catarina

MÔNICA FOLTRAN E LUIS ANTONIO HANGAI
reportagem@diario.com.br

Uma medida de impacto que aposta na sensibilização das pessoas é a estratégia do governo do Estado numa ação conjunta contra as drogas. A campanha "Drogas, Não dá mais para aceitar" será lançada hoje pelo governador Raimundo Colombo (PSD) junto às secretarias de Assistência Social, Saúde, Educação e Segurança Pública. A iniciativa conta ainda com a participação do Tribunal de Justiça, do Ministério Público e da Assembleia Legislativa. Durante o lançamento serão apresentados vídeos com depoimentos de pessoas que enfrentaram problemas com o uso de substâncias ilícitas, relatando o período em que viveram sob dependência química.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012, o Pense, realizada pelo IBGE, coloca Florianópolis entre as capitais com a mais alta porcentagem de adolescentes que já usaram algum tipo de drogas ilícitas ao menos uma vez na vida. Conforme um levantamento deste ano da Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina, 70% de todas as ocorrências de homicídios têm relação direta ou indireta com o tráfico e desavenças envolvendo drogas.

REPRESSÃO É INSUFICIENTE E CONTINUIDADE NECESSÁRIA

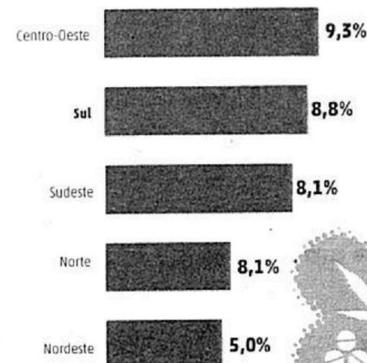
Para o advogado criminalista Sandro Sell, assim como ocorreu com o uso do cigarro, campanhas de conscientização que tratem o problema de forma realista podem sim ter um efeito positivo em relação à redução do uso e de novos usuários. Mas alerta: devem ter continuidade e acompanhamento do trabalho.

- Precisamos de indicadores claros para medir os impactos gerados e ter segurança que os recursos públicos aplicados estão adiantando para não virar apenas um marketing institucional. Só poderemos saber se os recursos estão sendo bem aplicados a partir do resultado no impacto do consumo atual - ressalta o especialista.

Dentro da campanha, a Secretaria Estadual de Segurança Pública está levando em consideração novas tendências no combate às substâncias ilícitas. O entendimento atual é de que apenas repressão, por mais bem aparelhada que seja, não é suficiente para reduzir os prejuízos sociais causados pelo narcotráfico.

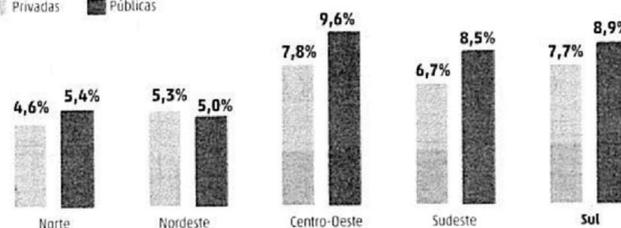
PÚBLICO-ALVO DO PROJETO

Percentual de estudantes frequentando o 9º ano do ensino fundamental no país que usaram drogas ilícitas alguma vez, segundo o IBGE em 2012



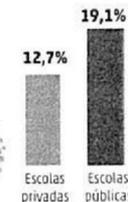
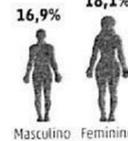
NAS ESCOLAS

Privadas Públicas



CONSUMO EM FLORIANÓPOLIS

17,5%



ENTREVISTA

MARCELO CARLIN
Juiz da 1ª Vara Criminal

"Repressão é insuficiente"

O Estado está bem aparelhado para lidar com este problema?

O Estado tem, primeiro, o papel de tentar controlar a circulação destas drogas. Mas esse trabalho repressivo por si só é insuficiente, porque se houver demanda sempre haverá oferta. Quando o Estado tenta refletir com a sociedade sobre as consequências do consumo e os desdobramentos disso, a sociedade começa a evoluir e pode, em conjunto com o Estado, mudar alguma coisa.

O senhor acredita na eficácia destas campanhas antidrogas?

Claro que campanhas de mobilização social sempre são importantes para botar o dedo na ferida e gerar alguma reflexão. Mas além da campanha tem que ter desdobramentos posteriores. Aprofundar no ambiente escolar e universitário as consequências do consumo excessivo de drogas. Muito importante é criar redes de proteção para a criança e o jovem.

Como devem funcionar essas redes de proteção aos jovens?

A primeira rede de proteção é a família. Sabendo abordar essa questão já é um passo importante para evitar que o jovem caia na curiosidade ou nos excessos. Depois nós temos as escolas, onde existe o Proerd, que vai às escolas conversar com as crianças. Ai devemos também ter redes de tratamento bem estruturadas, a partir do momento que houverão abusos.

Acredita que os programas atuais caminham num sentido positivo ou poderiam melhorar?

É positivo. Deve existir o compartilhamento de responsabilidade entre poder público, família e sociedade. É isso que pode alterar o quadro. Está na hora de amadurecermos essa questão.

Ideia é apostar no que já está dando resultado

Segundo o governo do Estado, a ideia é utilizar ações já existentes, como o Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd) nas escolas e o projeto Reviver, que atende dependentes químicos, além de aprimorar novas estratégias coordenadas com as secretarias envolvidas. Pelo Reviver, pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) conduzirão estudos e atividades de recuperação dos dependentes até julho de 2016, quando cerca de 1,2 mil pessoas devem ser acolhidas pelas equipes.

Rosimari Koch Martins, coordenadora do Núcleo de Prevenção à Violência na Secretaria

de Educação, explica que 40% das escolas do Estado têm um Núcleo de Educação e Prevenção (Nepre), que desenvolve projetos de conscientização contra as drogas. A ideia é ampliar estes núcleos em todas as escolas da rede estadual.

- Os núcleos foram criados para articular projetos com base na prevenção. A ideia é buscar soluções, estudar o tema e quando identificado, acolher o usuário de drogas, diagnosticando e analisando o melhor encaminhamento em cada caso. Além de levantar estratégias e envolver outras áreas como saúde e polícia - explica.

Diário Catarinense
Economia
"Compras bem perto de casa"

Compras bem perto de casa / Sebrae / PIB / Produto Interno Bruto / Dia da Micro e Pequena Empresa / Wilson Sanches Rodrigues / Santa Catarina / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Bárbara Segal

Compras bem perto de casa

Local. Campanha do Sebrae estimula a valorização dos pequenos negócios nos bairros

RAFAEL THOMÉ

rafael.thome@noticiasdodia.com.br
@ND_Online

Responsável por 46% dos empregos formais e por 35,1% do PIB (Produto Interno Bruto) catarinense, os pequenos negócios são os protagonistas de uma iniciativa inédita do Sebrae nacional. Para que as pessoas percebam o valor de apoiar e comprar produtos de iniciativas locais, a entidade "transformou" o Dia da Micro e Pequena Empresa, 5 de outubro, no dia do "Compre do Pequeno".

"Queremos que as pessoas deem preferência às pequenas empresas, porque há muitos benefícios. A economia do bairro se fortalece, gera empregos e faz com que mais recursos girem no município (com os impostos) e se convertam em serviços prestados pelo poder público", explicou Wilson Sanches Rodrigues, gerente da unidade de comunicação e mercado do Sebrae e gestor do projeto no Estado.

Além de proporcionarem ocupação para quase metade dos trabalhadores, os 400 mil pequenos negócios existentes em Santa Ca-

tarina garantem autonomia aos bairros e comodidade aos moradores. Cliente de uma pequena loja de cogumelos no Rio Tavares, a professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Bárbara Segal cita a economia com transporte como uma das vantagens de comprar no bairro onde mora.

"Tem vários motivos. Tem uma tendência à melhor qualidade do produto e tem uma sustentabilidade maior. Além disso, os preços são honestos e o dinheiro gira no próprio bairro", comentou.

Perto dali, na Lagoa da Conceição, a manicure Simone Gonçalves costuma comprar roupas num espaço que reúne 40 expositores: "É importante valorizar o que a gente tem perto. Se cada comerciante colocar produtos locais para vender, o pessoal começa a ver que tem qualidade e preço em conta."

Para o representante do Sebrae, além da valorização do comércio local, a compra em pequenos negócios pode fortalecer a economia. "Se toda essa movimentação acontecesse o ano inteiro, a economia estaria melhor, gerando negócios e empregos", avaliou Wilson.



Rio Tavares. Para Bárbara Segal, que compra sem sair do bairro, uma das vantagens é a economia de combustível

RADIOGRAFIA

Comércio lidera segmento no Estado



Sobrevivência é desafio

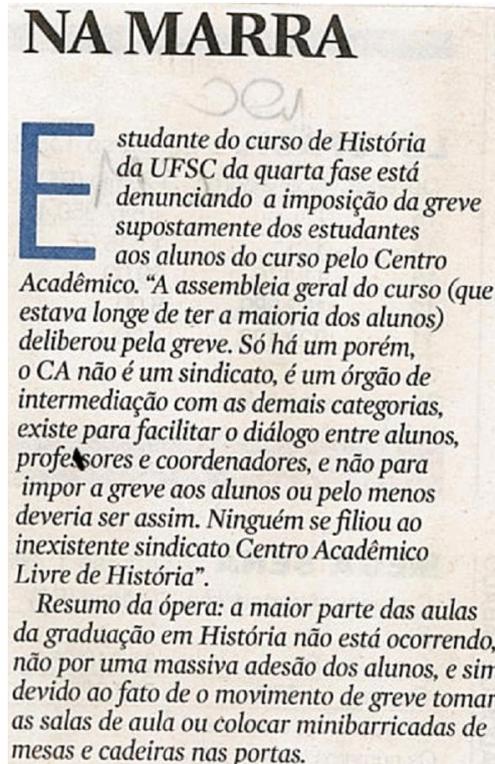
Abrir um pequeno negócio não é tarefa simples. Tanto é que boa parte das empreitadas chega ao fim no segundo ano de existência. Na visão do Sebrae, Santa Catarina apresenta um quadro melhor em relação ao resto do país pelas características da população. "No Sul, temos um diferencial, porque há um belo trabalho coletivo. As pessoas trabalham em conjunto, e o papel do associativismo é muito forte, por isso todos caminham juntos", analisou Wilson Sanches Rodrigues.

De fato, essa característica está presente em diversos setores da economia catarinense, da produção agropecuária à indústria têxtil. No Tienda de las Ideas, o senso coletivo é premissa para o funcionamento do local. "Abrimos espaço para novos estilistas e para quem está começando. A maior importância disso é o incentivo para eles continuarem. Eles não têm como alugar um espaço, pagar funcionário, estrutura e vender o produto, até porque não produzem em grandes quantidades", disse Neca Gamarra, dona do estabelecimento.

O fomento à produção local não é exclusividade de Neca. Enquanto luta para ganhar a clientela de grandes lojas de departamento e mobília, a fábrica de móveis Rattan Biel, na SC-405, procura meios de criar novos empregos e capacitar novos profissionais. "Atualmente, temos dez funcionários, além de mim e do meu marido. Agora, estamos ensinando o ofício ao pessoal daqui, porque ninguém nasce sabendo. Quem tiver interesse vai gostar", afirmou Simone Aparecida da Costa Santos.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Na marra"

Na marra / Curso de História / UFSC / Greve / Centro Acadêmico Livre de História



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Documentário 'Bikes vs Carros' é tema de debates nesta semana em Florianópolis](#)

[Administração da UFSC desmente boato de que houve redução e corte de bolsas de estudo](#)

[Governo do Estado apresenta a campanha "Drogas. Não dá mais para aceitar"](#)

[Livro "Memórias da Tradição: Praia dos Ingleses - Ilha de Santa Catarina" é lançado](#)